

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS
LICENCIATURA INTERCULTURA INDIGENA SUL DA MATA ATLANTICA

ADILSON POLICENA

**O POVO KAINGANG DA TERRA INDÍGENA INHACORÁ (RS) E O CONTEXTO
HISTÓRICO DAS SUAS LIDERANÇAS**

Florianópolis

Adilson Policena

**O POVO KAINGANG DA TERRA INDÍGENA INHACORÁ (RS) E O CONTEXTO
HISTÓRICO DAS SUAS LIDERANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso, submetido à Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Licenciado.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Rosemy da Silva Nascimento

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Policena, Adilson

O POVO KAINGANG DA TERRA INDÍGENA INHACORÁ (RS) E O
CONTEXTO HISTÓRICO DAS SUAS LIDERANÇAS / Adilson Policena ;
orientadora, Rosemy da Silva Nascimento, 2020.
40 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica. 2. kaingang. 3. liderança indígena. 4. inhacorá.
I. Nascimento, Rosemy da Silva. II. Universidade Federal
de Santa Catarina. Licenciatura Intercultural Indígena do
Sul da Mata Atlântica. III. Título.

Adilson Policena

**O POVO KAINGANG DA TERRA INDÍGENA INHACORÁ (RS) E O CONTEXTO
HISTÓRICO DAS SUAS LIDERANÇAS**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciado e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica.

Florianópolis, 13 de fevereiro de 2020

Prof^a. Dr^a Evelyn Martina S. Zea
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a Rosemy da Silva Nascimento
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Josué Carvalho
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Msc. João Daniel Martins
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA
MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 13 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 8:20 horas, na Sala 110 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor Orientador ROSEMI DA SILVA ASSIS e Presidente, Professor JOSÉ CARVALHO, Membro da Banca, e Professor, JOÃO DANIEL MARRAS Membro da Banca, designados pela Portaria nº 30/2020/HST/CFH, do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico ADILSON POLICENO subordinado ao título: "O POVO KIRINGANG DA TERRA INDÍGENA INHÓCÓCURI FO CONTEÚDO HISTÓRICO DOS SUOS LÍDERANCOS"

Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor JOÃO CARVALHO, a nota final 10,0 do Professor SANTO DAVID BARBOSA MARTINS, a nota final 10,0 e do Professor ROSEMI DA SILVA ASSIS, a nota final 10,0, sendo aprovado com a nota final 10,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital (PDF/A e Word) à Secretaria do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, até o dia 02 de março de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 13 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof. JOÃO CARVALHO

Prof. SANTO DAVID BARBOSA MARTINS

Prof. ROSEMI DA SILVA ASSIS

Candidato ADILSON POLICENO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-4879

Atesto que o acadêmico Adilson Policena, matrícula n.º 16105913, entregou a versão final de seu TCC cujo título **“O POVO KAINGANG DA TERRA INDÍGENA INHACORÁ (RS) E O CONTEXTO HISTÓRICO DAS SUAS LIDERANÇAS”**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 18 de fevereiro de 2020.

Assinatura manuscrita em azul-escuro que lê "Rosemy da Silva Nascimento".

Prof^a. Dr^a Rosemy da Silva Nascimento

Orientadora

Este trabalho é dedicado à minha família e ao povo Kaingang da Terra Indígena Inhacorá.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à Deus, por ter me dado esta oportunidade de conseguir mais esta vitória, depois à minha orientadora, Rosemy da Silva Nascimento, por ter aceitado este desafio e ter acreditado na minha capacidade. À Bianca Hammerschmidt. À Universidade Federal de Santa Catarina por me proporcionar o curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, à minha família, à Claudete Miguel minha esposa e o meu filho Erik George Policena, que tiveram paciência para entender e aceitar a realização deste sonho de muitos anos, a buscar este conhecimento para a minha vida profissional e principalmente para a minha comunidade da Terra Indígena Inhacorá, a qual represento neste momento. A este povo que me motivou a buscar este conhecimento. A coordenação e direção da licenciatura, que também fizeram o melhor para que cada aluno se sentisse seguro e confortável dentro deste espaço imenso e estranho que é universidade. Aos professores que fizeram o melhor, usaram todos os recursos possíveis para que os alunos pudessem entender e compreender melhor os conteúdos e temas trabalhados por eles. O meu muito obrigado aos meus colegas e amigos Kaingang, Guarani e Laklano-Xoklens, que também foram fundamentais para que eu pudesse superar as dificuldades durante o tempo de universidade. Aos nossos estagiários que quando precisei sempre estavam prontos e dispostos a me ajudar. Às nossas cozinheiras que também foram fundamentais para nossa alimentação durante este tempo que fiquei longe da minha casa. Enfim, a todos e a tudo, às pessoas que não estão mais na licenciatura, mas que contribuíram para que eu chegasse neste momento e neste lugar, o meu muito obrigado. Vocês fizeram uma parte da minha história, da minha caminhada e sempre estarão guardados no fundo do meu coração.

PRELÚDIO

Sou Adilson Policena do povo **Kaingang**, da marca kanhru (rá ror) e meu nome em kaingang é Manhmur. Meu pai chama-se Raimundo Policena e minha mãe Maria Cipriano, tenho 13 irmãos, sendo 7 homens e 6 mulheres. A nossa família é natural da Terra Indígena Inhacorá. Com 22 anos trabalhei no município de São de Valério do Sul-RS. Nessa época era solteiro. Trabalhei por 8 anos de contrato temporário no município. Durante este tempo sempre fui uma pessoa simples, ajudava muito o time da minha comunidade que atualmente existe, chama -se Boca Juniors, fui presidente do time durante vários anos. No ano de 98 as escolas indígenas ficaram sob responsabilidade do estado do Rio grande do Sul, nessa época a nossa escola passou a ficar sob comando do estado, e os professores que estavam trabalhando nesta escola foram lotados na Secretaria da Educação do RS, e os que tinham vínculos com outras esferas foram cedidos para estado. Nessa época ganhei trabalhei com contrato temporário do estado até 2002, quando saiu o primeiro concurso diferenciado e específico para povos kaingang do Rio Grande do sul-RS. Fiquei entre os 10 melhores classificados. Trabalhei com 20 horas nomeado e 20 horas de contratos temporários do estado.

Em 2004 nas eleições municipais, fui indicado pela comunidade indígena, para ser o candidato da comunidade para concorrer a uma cadeira legislativa do município, pelo antigo partido PMDB que atualmente é o MDB. Fui candidato mais votado no município com 187 votos, exerci durante os quatro anos a vereança do município, e ainda fui presidente da câmara municipal de São Valério do Sul durante o ano de 2007 a 2008, durante esta minha gestão, construí o salão da comunidade que até hoje existe e elaborei projeto e aprovei o projeto que autorizasse o calçamento da rua da avenida da comunidade indígena Inhacorá que até hoje ficou a marca registrada, na comunidade, depois disso fiquei alguns anos afastado da vida pública, me dedicando exclusivamente para a minha vida profissional junto a escola onde moro.

Em fevereiro de 2011, quando ocorreu a última troca de cacique, fui indicado para ser líder maior desta comunidade indígena Inhacorá, junto com mais duas pessoas, fui indicado pela maioria para ser o cacique desta comunidade, e há dez anos exerço esta função, Como cacique trabalho sempre em nome da minha comunidade, sou uma pessoa que luta e trabalha para dias melhores para a nossa comunidade indígena, participando ativamente das políticas públicas do município, do estado, e do Estado brasileiro para uma política pública que respeite as diferencias dos povos indígenas, e que os direitos adquiridos pelos nossos antepassados sejam concretizados pelos nossos representantes políticos.

A escolha do tema deu-se em razão da minha função de liderança e por querer compreender o contexto histórico dos demais Caciques na minha terra indígena, assim como compreender as dificuldades internas que existem na comunidade, para entender como a comunidade se organiza a fim de solucionar e evitar problemas.

RESUMO

O povo Kaingang da Terra Indígena Inhacorá (RS), tem na sua história trajetórias de organização social e territorial que configuram hoje essa etnia, uma das 305 do território nacional. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é trazer as questões de liderança da terra indígena Inhacorá, levando em consideração a formação territorial, demarcação, retomada e a sua divisão. Busco compreender as questões políticas das lideranças e como essa se organizou historicamente, a importância do território para o povo kaingang da TI Inhacorá e sobre o kujá. Como processo metodológico, utilizo do método exploratório, com base nas análises de fontes orais dos mais velhos, de recortes de jornais, de textos legislativos, do relatório antropológico e de referências bibliográficas acadêmicas. Como resultado desta pesquisa, demonstro as situações políticas do povo indígena de Inhacorá, antes do contato com os não indígenas (*fóg* - na língua Kaingang, *fó* com o som do 'g' fechado) e depois do contato; demonstro como a sua população era organizada hierarquicamente e, também, como está politicamente formada e constituída para proteger e lutar pelo seu território, para assegurar a preservação da cultura dos seus habitantes.

Palavras-chave: Especialista de cura Kaingang. Kujá 1. Liderança Indígena 2. Terra Indígena Inhacorá

TO KE SÍ

Kanhgag êmã tÿ Inhacorá ki, ag to kanhró si, ag jagnē vin han, tag ag vÿ kanhgag tÿ 305 ke ag mré nÿ tĩ, Brasil kãki. Kÿ venhrá tag vÿ pã'i ag tÿ jagnē vin han to ke nĩ, êmã tÿ Inhacorá ki, ag nÿtĩg já, ag ga kãmur rá, kar pã'i ag tÿ nén han tĩ ên ke gé, fóg ag kãmu tũg ke, kar ag kãmu kar ke gé,, tag ha to sóg kanhrãn sór mũ kar kujá to gé.

Inh sÿ tag han jé sóg kofa ag ki jēmēg mũ, kar sóg pépé rá ên vigvég sóg mũ gé, ùn tÿ to kanhró ag tÿ rá, kar ùn tÿ to kanhrãn mũ ag tÿ rá ti gé. Tag han kar inh vÿ vem mũ ser, ag tÿ nén han tĩ ên ti pã'i ag êmã tag ki, fóg ag kãmu tũg ke , ag hēren kÿ jagnē kerĩr, hēren kÿ ag nÿtĩg ja nĩgtĩ, ag hēren kÿ ag ga kirĩr ja nĩgtĩ, kar ag tÿ to kanhró pē ên kãja tũn tũg nĩgtĩ

To vāme:kujá kaingang ag kygtāg fã. Kujá 1. Kanhgág ag pã:i 2. Êmã tÿ Inhacorá

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Concentração da etnia Kaingang no Sul do Brasil	15
Figura 2 - Marcas dos clãs Kaingang	17
Figura 3 - Vista Aérea da Terra Indígena Inhacorá	20
Figura 4 - Localização da T.I. Inhacorá.....	20
Figura 5 - Festa do Kujá.....	25
Figura 6 - Kujá Carlos Charque.....	25
Figura 7 - Unidade Básica de saúde Indígena da TI de Inhacorá de São Valério do Sul (RS)	29
Figura 8 - Escola Marechal Cândido Rondon	27
Figura 9 - Instituto estadual de Ensino Médio Ângelo Manhka Miguel	30
Figura 10- Secretaria Municipal do Índio.....	30
Figura 11 - CRAS	31
Figura 12 - Igreja Deus é amor.....	31
Figura 13 - Igreja Assembleia de Deus	32
Figura 14 - Igreja Pentecostal do Brasil	30
Figura 15 - Galpão de Máquinas	33

GLOSSÁRIO

Palavra em Kaingang – Pronúncia em Português – Significado

ã – õ – você

fóg – fóg – homem/mulher branco(a)

Gu – gu – apertado; justo; pequeno

Jakrē – iáknré – guia espiritual

Jamré – iá'mbré – cunhado

Kakrē – cá'cré – sogro

Kamé – cá'mé – clã de marca reta/comprida

Kanhkã – cát'kõ - parente

Kanhrukrē – kat'nhucré – clã de marca redonda

Kãnka – côn'ca – vento; ar

Ko – cô – comer

Kórég – corég – ruim; feio; mal

Kyj – câi – ponta; canto; quina

Kujá – cuiã – pajé

pã'i – pô'i – líder

pĩ – pi – fogo

pr̃yg – prãng – ano

Rá ror – râ'ror – marca redonda

Rá téj – râ'téi – marca reta/comprida

régre – ré'gnrê – irmão

t̃y – tã – ação, como: “fazer”, “fazendo”, “ir fazer”, etc.

Topē – Deus

ṽy – uã – ação, como: “fazer”, “fazendo”, “ir fazer”, “algo que vai acontecer”.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. O POVO KAINGANG.....	17
3. TERRITÓRIO KAINGANG.....	19
4. O POVO KAINGANG E SUA TERRA INDÍGENA INHACORÁ	20
4.1 O POVO KAINGANG DE INHACORÁ.....	22
4.2 A IMPORTÂNCIA SAGRADA DO KUJÁ	23
4.3 ELEMENTOS SAGRADOS DA VIDA KAINGANG.....	26
4.4 ESTRUTURA DA TERRA INDÍGENA (TI) INHACORÁ	28
4.5 HISTÓRICO DA LIDERANÇAS DO POVO KAINGANG DA TERRA INDÍGENA INHACORÁ.....	33
4.5.1 Anterior ao contato	33
4.5.2 Com a chegada da FUNAI	35
4.5.3 Histórico do cacicado na TI Inhacorá.....	37
4.5.4 Atualmente – Equipe, Ações e Conquistas para TI.....	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
6. REFERÊNCIAS	42

análise de fontes orais dos mais velhos, dos sábios, de recortes de jornais, de textos legislativos do relatório antropológico de 2000 com objetivo de ampliação do território da terra indígena Inhacorá e de referências bibliográficas acadêmicas.

A terra indígena Inhacorá durante décadas acabou sofrendo várias mudanças territoriais, com consequências negativas para o povo em relação a sua história e a sua cultura, pois muitas famílias acabaram não se adaptando com o espaço destinado a estas pessoas. Acabou ficando menor para a sua população, fazendo com que o território ficasse insuficiente aos seus habitantes, tornando-se escassos os recursos para caça, a pesca, e de materiais para confecção do artesanato e até o espaço para plantio de produtos de subsistência.

Com isso, lideranças, que passaram durante esses cem anos, sempre estiveram lutando para recuperação de parte deste território perdido para o governo. Até o momento as lideranças vêm pressionando a Fundação Nacional do Índio - FUNAI e o próprio governo para que tomem providências em relação a esta reivindicação do povo de Inhacorá.

2. O POVO KAINGANG

A etnia Kaingang surgiu quando foi criado o mundo do povo Kaingang. Na crença kaingang houve uma grande tempestade que inundou a terra e durante a inundação, o kam  e o kanhrukr  nadaram por vários dias e noites para escapar da inundação, e se abrigar no centro da terra, uns ficaram nos galhos das árvores para fugir da água e os outros na serra. Os que ficaram nos galhos acabaram se transformando em macacos e os outros foram se transformando em outros bichos.

O pesquisador Kurt Nimuendajú narrou esta história em seus relatos em 1986:

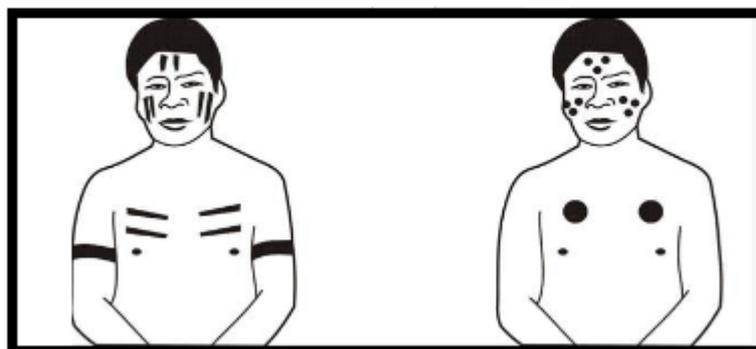
A tradição dos Kaingang afirma que os primeiros da sua nação saíram do solo; por isso têm cor de terra. Numa serra, n  sei bem onde, no sudeste do Paraná, dizem eles que ainda hoje podem ser vistos os buracos pelos quais subiram. Uma parte deles permaneceu subterrânea; essa parte se conserva até hoje l  e a ela se vão reunir as almas dos que morrem, aqui em cima. Eles saíram em dois grupos chefiados por dois irmãos, Kanyer  e Kam , sendo que aquele saiu primeiro. Cada um já trouxe consigo um grupo de gente. Dizem que Kanyer  (mesmo que *kanhrukr *) e toda a sua gente eram de corpo delgado, p s pequenos, ligeiros, tanto nos seus movimentos como nas suas resoluções, cheios de iniciativas, mas de pouca persistência. Kam  e seus companheiros, pelo contrário, eram de corpo grosso, p s grandes, e vagarosos nos seus movimentos e resoluções. (NIMUENDAJÚ, 1986, p, 86).

Dessa ancestralidade, os indígenas do povo Kaingang possuem um sistema de parentesco que organiza a formação familiar em dois grupos o *kam * com a marca *r  t j* (marca comprida) e o *kanhrukr * com a marca *r  ror* (marca redonda), conforme a figura 2. Essas marcas definem com quem irão casar, não podendo ser indígenas da mesma marca.

Figura 2 - Marcas dos cl s Kaingang

kam  - Marca r  t j
(marca comprida)

kanhrukr  - Marca r  ror
(marca redonda)



Fonte: SUFIATTI et al. (2013). Disponível em, <https://www.researchgate.net/publication/303118129> Cestaria e a historia de vida dos artesaos indigenas da Terra Indigena Xapeco Basketry and life history of indigenous artisans of Indigenous Xapeco.

Acesso e 20 de jan. 2020

A divisão que existe no povo kaingang sempre esteve preservada e respeitada, pois, como ensinam os *Kujá* (pajé), o casamento entre as duas metades deve ser seguido conforme faziam os nossos antepassados. Na cosmologia do povo kaingang quando se constrói uma família é muito importante que seja obedecida e respeitada as marcas o *rá ror* e o *rá tej*. Se não forem respeitadas estas marcas, consequências graves podem ocorrer para as pessoas envolvidas neste caso, como má formação genética de seus descendentes. Portanto, esta regra é uma das crenças do povo kaingang, que veio se preservando de geração em geração e se mantem em algumas terras indígenas Kaingang no sul do Brasil. Uma das poucas terras indígenas do Rio Grande do Sul a preservar o costume é a Terra Indígena Inhacorá, que preserva, por exemplo a marcas tribais, a língua, o Kujá, os alimentos típicos, as ervas medicinais, embora haja as influências e mudanças pós-contato com os não indígenas.

Há, também, o artesanato que faz parte da cultura e a vida cotidiana das comunidades indígenas, que é produzido e vendido na beira de estradas e nos centros das cidades durante o ano inteiro.

3. TERRITÓRIO KAINGANG

No Rio Grande do Sul, estima-se uma população indígena que ultrapassa de mais de 17.000 indígenas, de acordo com o “Portal Kaingang”, dos quais 97% pertencem a etnia kaingang e os demais, a etnia guarani, charruas e Xokleng, distribuídos entre terras e acampamentos indígenas.

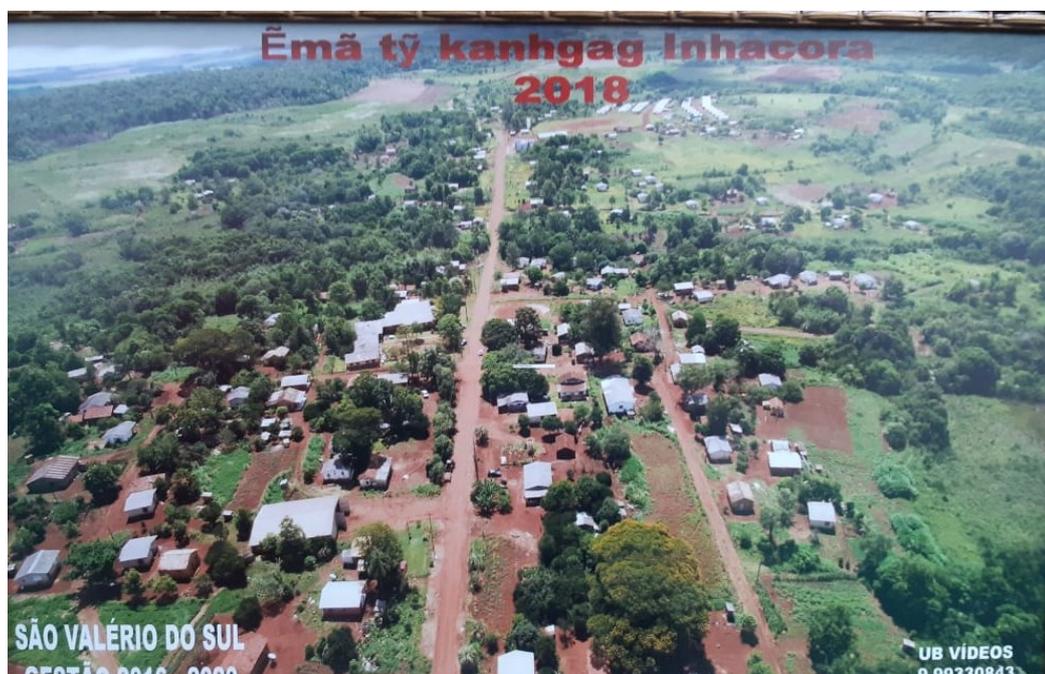
O equilíbrio ambiental do entorno nas terras indígenas é fator de importância fundamental para a sobrevivência deste povo, pois a vida do “ser” indígena tem uma relação muito forte com a natureza, é nela que nasce o “ser humano”, cria-se, é nela que é retirada a alimentação para o desenvolvimento do ser humano, por exemplo; a alimentação, os utensílios para o uso domésticos; materiais para a engenharia de suas casas, para confecção dos artesanatos; ervas medicinais para cura ou para preparar as pessoas para uma determinada finalidade, por exemplo: bom guerreiro, pescador, caçador, entre outros.

A comunidade indígena sempre preservou e pratica os quatro elementos essenciais para a vida: o fogo, a água, o ar e a terra. A vida do ser humano não é formada sem esses quatro elementos fundamentais para a vida. O povo indígena sempre manteve vivo este conhecimento milenar, por isso que até os dias atuais todos estes conhecimentos são mantidos e são praticados onde estiver o povo indígena kaingang. O território é sua vida, é sua identidade.

4. O POVO KAINGANG E SUA TERRA INDÍGENA INHACORÁ

A Terra Indígena Inhacorá está localizada no município de São Valério do Sul-RS, região fisiografia do alto Uruguai. Sua delimitação original era de 8.023 hectares no ano de 1910. Naquela época esta terra indígena era dividida em duas sessões, conhecida pelos brancos como “Coroados” e em Kaingang como “Gu”, que significa lugar muito apertado, lugar não muito grande. Neste setor o comando era do líder indígena Santos Cipriano, mais conhecido como Doutor Santos, porque o Santos trabalhava muito com ervas medicinais que vendiam em toda a região sul do Brasil. Ele veio ao óbito na década de 70, durante uma viagem à Curitiba.

Figura 3 - Vista Aérea da Terra Indígena Inhacorá



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de São Valério do Sul, 2016.

A outra sessão era conhecida de Kyj, por causa da localização, que fica na ponta da terra demarcada, onde atualmente está localizada T.I Inhacorá, comandada pelo líder indígena Titi Oliveira Fongue, mais conhecido de Titizinho.

No ano de 1921 houve uma demarcação de 5.859 hectares, realizada pelo governo estadual. No ano de 1962, o governo estadual destinou 3.049 hectares para o loteamento da sessão de Coroados e vila São Luiz (Gu) e 1.750 hectares para uma Estação Experimental Fitotécnica da Secretaria Estadual de Agricultura.

Com esta mudança territorial em 1963 na Terra indígena Inhacorá, os indígenas que moravam em Coroados, chamado de Gu (apertado), foram transferidos para a sede Inhacorá chamado de Kyj (ponta), localizada a margem esquerda do Rio Inhacorá e a direita do Rio Bonito, próxima a uma cascata, onde atualmente está localizada esta comunidade indígena. Naquela época as casas eram feitas de palhas de coqueiro e com capim chamado de rabo de burro, que era uma vegetação predominante nesta região, também não tinha água encanada, muito menos energia elétrica, era uma comunidade muito carente, cercada de mata nativa, que até hoje existe ao redor nesta comunidade.

Os indígenas foram expulsos do município de Inhacorá no início do século XX. Esta cidade fica próxima à terra indígena e faz divisa com o município de São Valério do Sul ao sul do município.

Em março de 1991 foi homologada uma re-demarkação, com área de 2.843 hectares conforme o registro do cartório de imóveis da cidade de Santo Augusto em 05/91, sob o nº 13800.

Em 1993 houve a tomada da estação experimental do estado do Rio Grande do Sul por indígenas de Inhacorá, devido ao interesse econômico das famílias indígenas e, também, do aumento da população da Terra Indígena Inhacorá. Toda estrutura montada pelo Estado neste local ficou no poder da comunidade indígena Inhacorá.

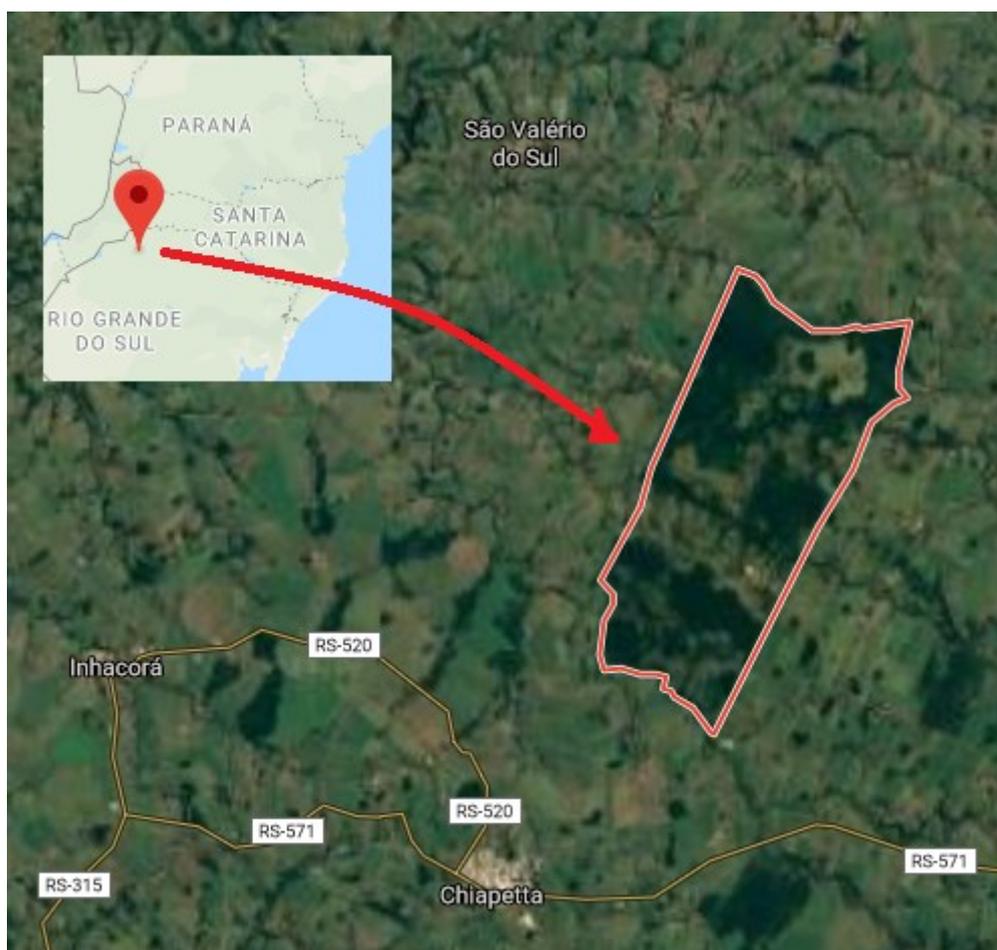
Com o passar do tempo, as lideranças indígenas de Inhacorá, em parceria com governo do estado do Rio Grande do Sul, projetaram nesta estrutura abandonada um centro de formação indígena kaingang no sul do Brasil, isso no ano de 2000. Com as mudanças de governo e da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, o plano daquela época foi estacionado por vários anos pelo governo estadual. Mas, com muita luta das lideranças indígenas do Rio Grande do Sul e do Ministério Público Federal do Rio Grande do Sul contra o Estado, conseguimos a liberação do funcionamento desta escola, isso, no ano de 2012 para 2013, quando o estado gaúcho concedeu autorização para este que é hoje o centro de formação profissionalizante indígena kaingang, que atualmente atende 138 alunos indígenas Kaingang de todo o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, oferecendo curso regular de ensino médio, curso de magistério bilingue kaingang, além do aproveitamento de estudo, onde são oferecidas as disciplinas específicas para os professores indígenas formados no magistério normal.

Nesta localidade moram aproximadamente 20 famílias, setor conhecido como Vila Nova, formado por famílias que se deslocaram e se fixaram neste lugar por motivo de desentendimentos familiares, influenciadas pelas políticas dos não-indígenas dentro da terra

indígena, o que acabou dividindo esta comunidade, que continua sob responsabilidade da liderança da T.I. Inhacorá.

Hoje, a T. I. Inhacorá apresenta a seguinte configuração espacial, conforme a figura 4 a seguir:

Figura 4 - Localização da T.I. Inhacorá



Fonte: Autoral, adaptado de Google Earth, 2020.

4.1 O POVO KAINGANG DE INHACORÁ

A Terra Indígena Inhacorá é totalmente formada pela etnia kaingang, 100% falante da sua língua materna, abrigando aproximadamente 1.207 habitantes, e 330 famílias, de acordo com a Sistema de Informação da Atenção da Saúde Indígena(SIASE) e da Secretaria Especial da Saúde Indígena (SESAI).

O povo kaingang de Inhacorá acredita e sempre teve a sua fidelidade em relação ao seu Kujá ou pajé, pois é nele que se move a expectativa do povo indígena de Inhacorá, é a representação de Deus da terra indígena.

Na maioria das comunidades kaingang do Rio Grande do Sul, não existe mais esta pessoa no seu mundo, por interferência da cultura do não indígena dentro das terras indígenas, ou porque acabaram desvalorizando o seu próprio conhecimento tradicional. Quando uma pessoa indígena ficava doente ou não se sentia bem espiritualmente, ou para combater o inimigo, procuravam o Kujá para buscar apoio espiritual e proteção nas batalhas, que benzia e muitas vezes receitava alguns chás preparados por ele. Muitas pessoas acabavam fazendo estes processos por algum período de tempo, ou no prazo determinado pelo pajé.

4.2 A IMPORTÂNCIA SAGRADA DO KUJÁ

O Kujá é um líder espiritual do povo kaingang, pois é ele que protege e cuida da saúde, dos espíritos, da natureza e dos inimigos do seu povo. O povo kaingang de Inhacorá considera o Kujá como o portador de conhecimento sagrado da etnia kaingang, pois acredita-se que o mundo criado por Deus se move em sintonia, e todos dependem uns dos outros para compor esta cadeia da natureza. Isto é, convivendo em harmonia e respeitando a sua forma de viver e sua organização social.

A natureza também é dividida e organizada conforme as marcas do povo kaingang, kamé e Kairukre, e que todos os seres tem as suas vidas e os seus espíritos compondo juntos a natureza. Dependendo da forma que são tratados o espírito pode se tornar algo do bem ou do mal para o próximo, e cujas consequências todos os seres vivos vão sofrer, fazendo assim o desequilíbrio ambiental, que afeta o restante da existência. Muitas dessas consequências, os médicos, doutores e cientistas nunca entenderam e conseguiram impedir, ou, então, melhorar a situação.

A crença faz parte do povo kaingang de Inhacorá que, com o seu Kujá, mantém a cultura viva e preservada, pois o povo de Inhacorá acredita que, se não conservar o costume, o conhecimento dos nossos antepassados se perderá e com isso também acabará a história e a identidade do povo de Inhacorá. Por isso, a cada ano, na terra indígena Inhacorá, acontece a festa do Kujá, a única realizada no Brasil, um dia especial em homenagem ao nosso Kujá. Este é, também, o dia do pagamento das promessas ao Kujá, no qual as pessoas que o procuraram durante o ano pagam pelo serviço prestado. No dia do evento todas as repartições públicas da comunidade indígena paralisam os seus expedientes em respeito ao Kujá, e ainda prestam homenagem a esta pessoa.

Antes do contato com o não-indígena esta crença já existia e era fortemente respeitada pelo povo kaingang de Inhacorá. Quando uma pessoa ficava doente ou não estava se sentindo

bem, a primeira ideia era procurar o Kujá, pois é a pessoa que tem a sabedoria, o conhecimento e o dom de curar as pessoas. Quando a pessoa não está sendo curada, o Kujá busca o seu jakrē, um espírito que o Kujá contacta por meio dos animais, para conversar com o Topē (Deus) para livrar a pessoa do mal. Isto acontece para que este animal leve a mensagem do Kujá para o Deus, e funciona. Antigamente, para combater os inimigos, as pessoas antes de irem a guerra passavam na casa do Kujá para a sua benzedura, para não serem abatidos pelos inimigos, levando folhas (ou qualquer outro objeto) para proteção da sua vida. Além disso, o Kujá também tem participação fundamental no combate, pois cabe a ele as rezas para que o seu povo pudesse vencer a batalha, assim viveria em paz em seu território. Por isso, a presença do Kujá é fundamental aos Kaingang, porque ele produz bem-estar e garante a proteção ao seu povo. Além disso, é a pessoa que tem o dom de prever fenômenos climáticos, ou surtos que podem atingir a sua comunidade, e, como eles podem prever os males através dos sonhos, os Kujás realizam as suas rezas de proteção para evitar possíveis infortúnios.

Carlos Charque, que atualmente é o Kujá, líder espiritual da Terra Indígena de Inhacorá, conta que no passado haviam três Kujá na Terra Indígena. Ele diz que os três Kujá eram Natalio Miguel, falecido, Antônio Miguel, falecido, e o Nono Cipriano também falecido, são esses três que faziam a proteção desta comunidade, e que hoje nós estamos aqui graças à estas pessoas, comenta o Carlos Charque. Conforme explica o líder espiritual:

Antes do contato com os não-indígenas as pessoas não procuravam ninguém quando ficavam doentes, é só estas pessoas que curavam os nossos parentes, com os seu remédios e com seus benzimentos e também com os chás que faziam. E não cobravam nada das pessoas, só realizavam esta festa que significava o “pagamento da promessa”, e que só um dos Kujá fazia, os outros não. Nesse dia ergue mastro, distribui fitas benzidas a todos participantes para proteção da vida (Carlos Charque, Terra Indígena de Inhacorá, setembro de 2019).

No dia 06 de agosto, a data em que ocorre a festa do Kujá, antes do almoço, o mastro da festa é hasteado, e como de costume, uma espiga de milho, ou de qualquer outro produto que se colhe, é colocada na ponta do mastro, para que o ano possa correr bem e se obtenha fartura.

Figura 5 - Festa do Kujá



Fonte: Do autor, agosto de 2019.

Figura 6 - Kujá Carlos Charque



Fonte: Do autor, agosto de 2019.

Dentre os antigos Kujá, era o seu Antônio Miguel que sempre realizava esta festa no dia seis de agosto, todos os anos. Não se conhece porque esta data foi escolhida, mas segundo algumas informações das pessoas com mais idade na nossa comunidade, antigamente os padres estacavam um mastro no lugar onde fora dominado pelo cristianismo ou “civilizado”, significando que aquele espaço já tinha dono. Apesar de não ter como confirmar isso, a meu ver, os Kujá se apropriaram dessa forma não-indígena para demarcar o seu território de dominação espiritual.

Para o povo Kaingang, o período entorno do mês de agosto é o *pr̄ȳg*, o início do ano, que ocorre depois do inverno. Nessa época é comum os pais dizerem aos seus filhos: “*pr̄ȳg v̄ȳ ha*”, “é o início do ano”, tempo de preparo das lavouras, do plantio do ano, de preparar os roçados, “para que o ano não te leve” (*pr̄ȳg t̄ȳ ã ko v̄ē*). É neste sentido que na festa se tem o costume de colocar a espiga de milho na ponta do mastro, para que o ano possa ter grande produtividade.

Essa é forma de organização religiosa que teve o povo kaingang de Inhacorá antes do contato com o não-indígena. Atualmente, o povo indígena Inhacorá perdeu um pouco desta essência do povo kaingang, após o contato, quando começaram a invasões e ocupações das terras indígenas de Inhacorá pelos colonos no sul do Brasil. Mas como mostra o senhor Carlos Charque, Kujá da comunidade, o povo indígena Inhacorá sempre buscou uma forma de resistir e manter as suas práticas culturais. Em nossa comunidade, a organização social sempre foi comandada por duas lideranças, o cacique (pã'i) e o Kujá, que mantinham a ordem social e a espiritualidade na comunidade. Um líder comandava o grupo de trabalho diário das pessoas, adultos, crianças, idosos e as mulheres, para o bem de todos, a reciprocidade e a coletividade entre as famílias. O outro líder seria o que controlava o bem-estar, a saúde e a espiritualidade das pessoas que habitavam esta comunidade.

4.3 ELEMENTOS SAGRADOS DA VIDA KAINGANG

O fogo (pĩ) para o povo kaingang, segundo seus antepassados tem um significado muito importante para a nossa cultura, pois deve se manter sempre aceso como sinal de vida humana e a falta deste pode indicar o presságio de que algo ruim irá acontecer na família. Por isso os antigos sempre diziam para os filhos manterem o fogo aceso em qualquer casa ou moradia. O fogo traz energia para as pessoas, força e coragem para os guerreiros lutarem e defenderem o seu povo contra os invasores e ainda espanta os males.

A água (goj) significa para o povo indígena kaingang a vida, sobrevivência e proteção. Em Inhacorá, no dia da festa do Kujá, a água sempre é usada como elemento fundamental para este evento, pois durante a cerimônia lavam-se as cabeças dos participantes para limpar os espíritos ruins na alma e dar proteção para a vida.

O ar (kankã) é ele que mantém cada ser vivo, vivo. Para viver, reproduzir e manter há uma troca de “serviços” entre os seres vivos, pois as plantas necessitam do gás carbônico liberado pela respiração dos animais, enquanto os animais necessitam do oxigênio produzido pelas plantas durante a sua respiração. Mas também há o entendimento do povo kaingang, de que o ar pode ser prejudicial a qualquer ser vivo (kankã kórég), pois poderá contaminar-se com alguns vírus de umas outras espécies, e poderá extinguir a própria espécie. Por isso que na cerimônia da festa do Kujá acontecem esses momentos em que a pessoa se purifica e se protege com a água benzida pelo Kujá da comunidade indígena de Inhacorá.

A terra (ga) para o povo kaingang significa a mãe, pois é nela que se formou o primeiro ser indígena kaingang, segundo os antepassados do nosso povo, é ela que cria, sustenta e o guarda, a terra está relacionada com todo este conhecimento cosmológico da sociedade indígena kaingang. A sua origem, a sua formação, a sua crença, a organização social estão muito relacionadas com a natureza, por isso que este sistema depende um do outro para completar o ciclo.

Desde o início dos primeiros contatos com o povo não-indígena, o povo indígena kaingang possui organização social, com seus modos próprios de vida em sociedade, com suas legislações próprias, sua maneira de se organizar é distinta da sociedade brasileira em muitos aspectos, especialmente os relativos a valores morais.

Os povos de outras sociedades poderiam reconhecer, seguir, valorizar e ao mesmo tempo respeitar a sua forma de organização social e econômica do povo, o respeito com próximo, a valorização da família, da pessoa com mais idade, do Kujá, do pã'i. A reciprocidade desse povo é o sistema que move a sua sobrevivência.

Esse contato e a forma de organização social foi se modificando dentro das terras indígenas kaingang no sul do Brasil. A sua organização social na comunidade, e todos os seguimentos da sociedade indígena, por exemplo, a sua agricultura, a saúde, a educação do povo indígena kaingang, a sua cultura, e principalmente e seu território que também está modificando muito desde o seu contato até os dias de hoje.

Antigamente o povo kaingang era um povo bem organizado socialmente, mantendo a sua forma própria de organização social e econômica. Isto é, o povo tinha suas políticas e regras próprias de viver. Cada indivíduo tinha o seus direitos e os deveres junto a sua comunidade.

Cada pessoa respeitava muito a família do próximo e os mais velhos na comunidade. As pessoas consideravam e respeitavam muito os mais velhos, os anciões, os seus líderes os seus Kujás por causa das suas histórias, as suas vivências, as suas experiências e os seus conhecimentos, que são aspectos fundamentais para preservação do conhecimento, das histórias e identidade do povo Kaingang. Sabemos que muitas transformações ocorreram após o contato com os não indígenas (na língua Kaingang significa *fóg*, *que tem* o som do *g* fechado), mas o conhecimento dos antigos continua sendo muito importante para nós.

Diante dessas decorrências, nos dias atuais, muitas terras indígenas kaingang, no Rio Grande do Sul, passam por algumas dificuldades em organização social e econômica, que este documento estará levantando durante a sua apresentação, e que poderá em alguns momentos produzir críticas, construtivas ou não, ou ainda provocar reflexões entre as pessoas indígenas, lideranças, estudiosos, acadêmicos, pesquisadores, indigenistas, ONGs, órgãos públicos, políticos, e até no público não indígena.

4.4 ESTRUTURA DA TERRA INDÍGENA (TI) INHACORÁ

A TI Inhacorá é uma das mais antigas reconhecidas pela FUNAI. Oferece atendimento do posto básico de saúde da Secretaria Especial da Saúde Indígena - SESAI, conforme a figura 6, onde temos profissionais não indígenas e indígenas, com dezesseis funcionários, três agentes da saúde indígena, dois agentes de saneamento e uma faxineira, no total de seis funcionários indígenas, mais uma enfermeira padrão, três técnicas de enfermagem, uma odontóloga e mais uma médica, total de seis profissionais não indígenas (*fóg*: homem branco) e mais quatro motoristas da saúde, todos não indígenas (*fóg*). O posto, que antes era um prédio que possuía apenas quatro salas, que eram insuficientes para a equipe da saúde da comunidade indígena, hoje é equipado com uma sala para cada profissional.

Figura 7 - Unidade Básica de saúde Indígena da TI de Inhacorá de São Valério do Sul (RS)



Fonte: <https://www.saovaleriodosul.rs.gov.br/site/noticias/saude/39198-comunidade-indigena-do-inhacora-recebe-medica>. Acesso em 20 de jan. 2020.

Na TI também temos duas escolas, a Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Marechal Cândido Rondon (figura 7), com 345 alunos matriculados, vinte e um funcionários (seis não indígenas), que são professores das séries finais do ensino fundamental, nove professores indígenas formados que trabalham nas séries iniciais, um secretário da escola – indígena, e cinco faxineiras da escola, todas indígenas.

Figura 8 - Escola Marechal Cândido Rondon



Fonte: <https://entrenosunijui.wixsite.com/entrenos/escolas-indigenas?lightbox=dataItem-jiolqtul>. Acesso em 20 de jan. 2020.

Temos também o Instituto estadual de Ensino Médio Ângelo Manhka Miguel (figura 8), como já foram mencionadas anteriormente neste documento. O nome é em homenagem a esta pessoa que morreu na luta da retomada da antiga estação experimental, com cento e sessenta e três alunos matriculados nos cursos oferecidos, com alunos kaingang de todas as terras indígenas do Rio Grande do Sul. O instituto oferece três cursos técnicos; ensino médio normal, com quatro anos de duração, aproveitamento de estudo; com dois anos de duração, curso este para professores kaingang que atuam sem formação específica e por último o magistério bilingue, com duração de quatro anos, hoje é uma referência no Brasil. Trabalham no Instituto um total de trinta funcionários, nove funcionários para serviços gerais, dois desses não indígenas e mais vinte e um professores, sendo que seis desses profissionais são indígenas o resto são professores não indígenas.

Figura 9 - Instituto estadual de Ensino Médio Ângelo Manhka Miguel



Fonte: <http://21crers.blogspot.com/2013/08/reserva-indigena-em-sao-valerio-do-sul.html>.

Além disso existe na comunidade a Secretaria Municipal do índio (figura 9), contando com oito funcionários e três não indígenas.

Figura 10 - Secretaria Municipal do Índio



Fonte: Do autor, 2019.

Figura 11 - CRAS



Fonte: Do autor, 2019.

Como se observa na figura 11, temos ainda o CRAS - Centro de Referência e Assistência Social do município dentro da comunidade indígena. Os profissionais que trabalham neste setor são profissionais não indígenas, uma assistente social e uma psicóloga, os três que também trabalham no CRAS, indígenas, que desenvolvem atividades como palestras, produção de artesanatos com crianças, adultos e adolescentes indígenas na comunidade, como também encaminham e orientam as famílias para acessar programas sociais e benefícios do estado.

A comunidade de Inhacorá conta com três igrejas evangélicas, a Assembleia de Deus, responsável o pastor Siduelio Miguel, indígena, Pentecostal sob comando do pastor Reni da Silva, indígena e Deus é Amor (figura 12), comandado pelo pastor indígena Domingos Miguel. Existia em uma época a Igreja Católica, mas por falta de frequência do povo de Inhacorá ficou desativada por alguns anos, e que hoje funciona a padaria comunitária de Inhacorá neste prédio.

Figura 12 - Igreja Deus é amor



Fonte: Do autor, 2019.

Figura 13 - Igreja Assembleia de Deus



Fonte: Do autor, 2019.

Figura 14 - Igreja Pentecostal do Brasil



Fonte: Do autor, 2019.

Por fim, temos o galpão de máquinas da Associação indígena, contando com patrulha agrícola de cinco tratores funcionando e com todos equipamentos, que trabalham para todas as famílias durante o ano. Todos os anos a associação indígena prepara dois hectares de terra para cada família plantarem mandioca, feijão, milho, além de dar um incentivo para produção de subsistência. O maquinário é composto por cinco tratores tracionados, com todos equipamentos, um moinho comunitário, que trabalha para todas famílias, sem custos, uma padaria comunitária, que serve para uso de todas as famílias, com equipamento completo, entre outros.

Esses maquinários que são usados todos os anos para o preparo das lavouras das famílias. São os recursos da venda de produtos da lavoura coletiva, alguns recursos do município, do estado e da FUNAI que mantem em dias as máquinas da Associação, administrada pela liderança desta comunidade.

Figura 15 - Galpão de Máquinas



Fonte: Do autor, 2019

4.5 HISTÓRICO DA LIDERANÇAS DO POVO KAINGANG DA TERRA INDÍGENA INHACORÁ

4.5.1 Anterior ao contato

Segundo o sábio da aldeia, João Paulino da Silva, hoje com 78 anos, as lideranças eram muito respeitadas pelos membros da comunidade. Antes da chegada dos não-indígenas, eles que comandavam os trabalhos diários da população e que sempre foi pelo bem de todos, desde a proteção do seu território, os preparos dos guerreiros para o combate do inimigo e a organização social do povo, o bem-estar da comunidade. O trabalho do povo indígena Inhacorá era um trabalho em comum, cujo o resultado era para toda a comunidade, e quem organizava todo esse serviço era pessoa chamado de “coronel”, um líder que tinha compromisso com toda a população da sua comunidade, não tinha conhecimento de fora da aldeia, como as lideranças de hoje, com muitos estudos e formação. O coronel era líder por causa do seu conhecimento e experiências de vida de lutas de trabalho junto ao seu povo, era respeitado e obedecido por seus comandados. Este líder respeitava muito o seu *jamré* (as pessoas do clã oposto dentro da mesma

aldeia), o seu *regre* na comunidade,” *kamé e kairukrē*,” as duas divisões que formam o povo kaingang, em que um depende do outro para construção da família kaingang.

O ancião explica que para a escolha deste líder não precisava indicação ou votação, escolhia-se a pessoa que tinha história com o seu povo, por exemplo, ter conquistado muitas vitórias nas lutas contra o inimigo em defesa da comunidade. Conforme explica Senhor João, “teve um tempo em que este líder passou a ser chamado de coronel”, quando o SPI ficou sob responsabilidade das Terras Indígenas no Brasil. E ainda comenta que para ser um bom líder depende muito da vocação da pessoa, das suas características, porque depende também da sua metade tribal (*kamé e kanhrukrē*), pois as atitudes de um líder tem influência destas duas marcas. O *kamé* (*rá téj*), por exemplo, tem um comportamento muito calmo e tranquilo, mas quando age, é uma pessoa muito forte e difícil de bater, enquanto que o *Kanhrukrē* (*rá ror*) é contrário, uma pessoa muito ágil, mas que não tem paciência, bem mais fácil de ser batido, diz o seu João Paulino.

O conhecimento da família também é muito importante para a preparação do líder, o papel da mulher principalmente, pois é ela que fica a maior parte do tempo com o filho, enquanto o homem trabalha o dia inteiro, ou passa um bom tempo longe da família. Ela repassa os conselhos dos antigos, por exemplo, o respeito com o próximo, com as lideranças, com os mais velhos, pelos compromissos e conhecimentos que estas pessoas tem na sua vivência. Essa também é uma forma de aprendizagem, pois a criança observa e assimila o trabalho realizado pelo seu pai, para aprender e dar sequência quando chegar o momento. capacite as pessoas para que possam planejar e organizar as suas atividades do dia a dia.

Segundo o senhor Galdino Mineiro de Souza, hoje com 79 anos, natural da terra Indígena Guarita, primeiro monitor indígena a trabalhar na comunidade indígena Inhacorá, muitas vezes a pessoa escolhida para a liderança era aquela om maior número de parentes na comunidade, porque ele conseguia conciliar os interesses comuns e por isso era respeitado por toda a comunidade, por causa do *régre* e *jamré* (*kamé e kairukrē*). Há alguns anos atrás, para se tornar uma liderança a pessoa precisava ser de idade avançada, uma demonstração de respeito à comunidade, hoje em dia não se exige mais isto. O que importa agora é a capacidade da pessoa, conclui o senhor Galdino. O ancião conta que veio morar na Terra Indígena Inhacorá, depois da sua formação como monitor bilingue, (1970-1980), com objetivo de trabalhar na escola como monitor indígena, através da administração da FUNAI e se fixou na terra indígena até os dias atuais.

4.5.2 Com a chegada da FUNAI

O senhor Antônio Cipriano, primeiro cacique pós FUNAI, hoje com 75 anos, contou que “naquele tempo a FUNAI chegava entrando nas terras indígenas com determinação do próprio governo, e nós tínhamos que aceitar, pois sabíamos que as pessoas que estavam chegando seriam pessoas que estariam nos ajudando”, segundo o ex-cacique, naquele tempo a pessoa escolhida precisava ter boa fluência na língua portuguesa, e quem indicavam eram os próprios funcionários da FUNAI. Conforme o seu próprio relato:

Fui escolhido porque falava bem o português, porque fui obrigado a estudar com 12 anos em Itaí, distrito do município de Ijuí RS. Fui tirado nos braços dos meus pais juntamente com doze piás para serem levados para esta escola, que era uma escola internato; e pelos próprios funcionários da Funai, ficamos até completar o quinto ano do ensino fundamental, depois fomos devolvidos para os nossos pais, mas durante os cinco anos, o restante da gurizada foram desistindo, porque nas férias nos éramos devolvido para as nossas famílias e os pais acabavam escondendo os filhos, ou saíam fora da aldeia para fugirem com os filhos, para não perderem mais, era muito triste. Naquele tempo, os pais choravam dia e noite, e conseguiram completar os cinco anos nesta escola, eu e mais dois piás, que hoje é o Pedro Fongue e o Arlindo Fongue. Depois disso fui escolhido coronel pela comunidade e pelo governo do estado do Rio Grande do Sul (Antonio Cipriano, Terra Indígena Inhacorá, setembro de 2019).

Antônio conta que foi escolhido aproximadamente no ano de 1965, ou 1966, porque tinha um bom português e a facilidade de entendimento com os funcionários da Funai e do governo. Depois disso, seu Antônio comentou um pouco sobre esta classificação da hierarquia da liderança indígena na Terra Indígena Inhacorá, falou que esta denominação de coronel continuou com a chegada da Funai na terra indígena, mas que antes, já existia esta denominação; como capitão, major, coronel, cabo, que até hoje a hierarquia indígena é classificada e consolidada desta forma, diz o seu Antônio. Ainda lembra que no ano de 1976, nas ruínas de São Miguel-RS, foi realizado um encontro de lideranças indígenas do Brasil, onde todas as etnias indígenas do Brasil compareceram para participar do evento, organizado pelo Associação Nacional Amigo do Índio (ANAI), juntamente com o Conselho Missão Indígena (COMIN). O seu Antônio conta que depois desta reunião é que todos os coronéis foram proclamados caciques, nomenclatura que permanece até os dias de hoje.

O ancião ainda fala sobre a situação daquela época, quando o SPI teve que repassar algumas áreas indígenas para o Estado do Rio Grande do sul, e Inhacorá foi um delas, segundo senhor Antônio, aquele foi o pior momento da sua vida, quando foi extinta a Vila Coroados o “Gu”, como já mencionada durante o texto. Neste período foi instalada uma serraria no interior da terra indígena, com objetivo de produzir tábuas para a construção de casas para os indígenas.

Como explica Cipriano: “os indígenas ajudavam a procurar as toras para serrar e ainda cortavam e carregavam as toras, e naquele tempo, a nossa área de Inhacorá tinha poucas famílias e o nosso território era muito grande, e não sei se naquela época a nossas madeiras não foram vendidas para outras comunidades”.

Depois disso foi instalada uma usina de energia elétrica no interior da terra indígena, que fornecia energia para os funcionários do Estado que ficavam junto à comunidade. Nessa época também foi implantado o “panelão”, sistema que funcionava como um restaurante comunitário, onde era servido o café de manhã, ao meio dia o almoço e, à noite, a janta para os moradores da comunidade. Em troca disso toda a população, menos as crianças, trabalhavam na lavoura do posto, plantando trigo, milho e arroz. E não se sabia para onde estes produtos que eram produzidos com a mão de obra indígena eram transportados. Um pouco a comunidade consumia, mas o resto da produção era levado para fora da aldeia, salienta Antônio, que desconhecia o destino final dos produtos:

Todos tinham que obedecer às regras impostas pelo Estado, e a liderança é que ficava responsável para cumprir e fazer acontecer, se isto não acontecesse, a liderança prendiam na cadeia ou no tronco, nós não sabíamos que nós estávamos sendo usados pelos não indígenas, e sempre respeitávamos os não indígenas, então o que eles pediam nós indígenas fazíamos, sem ter noção nenhuma, conclui o seu Antônio Cipriano (Terra Indígena Inhacorá, setembro de 2019).

Diz ainda que foi um tempo em que os indígenas foram tratados como escravos, pois eram usados para quaisquer serviços na comunidade, sobretudo, para o próprio Estado. Muitas famílias que não se adaptavam a este sistema fugiam ou saíam da Terra Indígena e iam trabalhar para os não-indígena, ou confeccionavam artesanatos para vender na região, sem previsão de volta.

No final da década de 60 e início 70, com a criação da FUNAI, a Terra Indígena Inhacorá voltou a ser responsabilidade desta entidade governamental, e toda aquela estrutura montada pelo Estado Rio-Grandense no interior da Terra Indígena Inhacorá, foi recolhida pelo Estado e iniciou-se um novo ciclo de trabalho e organização. O seu Antônio, naquela época, já era o líder maior da comunidade de Inhacorá. Ele foi coronel no tempo do SPI e tornou-se cacique depois da Assembleia dos Povos Indígenas do Brasil, em São Miguel-RS. Já na era da FUNAI, com dezoito anos de idade, e ainda solteiro, foi contratado para ser funcionário da mesma. Devido a sua formação escolar forçada, quando foi afastado de sua família e obrigado a frequentar a escola dos não-indígenas. Hoje em dia o senhor Antônio tem uma vida boa. É aposentado e a sua esposa também, ambos moradores da Terra Indígena Inhacorá.

4.5.3 Histórico do cacicado na TI Inhacorá

Durante todos esses anos, a Terra Indígena Inhacorá teve vários líderes e caciques da comunidade, escolhidos pela comunidade ou indicados pelo seu povo. As lutas destas lideranças foram para melhorias e manter a sua organização social e econômica dos seus habitantes. Neste documento trago alguns nomes de líderes que esta comunidade teve durante o século do seu contato com o povo não indígena:

Doutor Santos: líder indígena kaingang(coronel), da Terra Indígena Gu (atualmente a vila Coroados), antes do SPI.

Titi Fongue: Titizinho, líder kaingang(coronel) da Terra Indígena Kyj(atualmente a Terra Indígena Inhacorá), também antes e depois do SPI.

Antônio Cipriano: coronel, da Terra Indígena Inhacorá, no tempo do SPI, e cacique e funcionário no final da década de 70, na era da FUNAI, ficou por vários anos na função de cacique (aproximadamente 20 anos).

Natalio Miguel (in memoriam): líder kaingang atuante da Terra Indígena Inhacorá, foi cacique da comunidade no final da década de 80 por três anos.

Pedro Fongue: foi cacique por quatro anos, foi chefe da comunidade, durante década de 90, e ainda trabalhou na escola por cinco anos, como alfabetizador.

Nelson Fernandes: Funcionário municipal de São Valério de Sul aposentado, também foi cacique da comunidade de Inhacorá por período de três anos, também foi um líder sempre atuante e participativo na comunidade no ano de.

João Camargo: Também funcionário municipal de São Valério do Sul, cacique por três anos (1983- 1993) na Terra indígena Inhacorá, também foi eleito vereador no município de São Valério do Sul-RS

Irani Miguel: Cacique da Terra indígena Inhacorá (1993-1996), professor na comunidade, ocupou novamente o cargo no ano de 2001-2005, e foi vereador no município.

Danilo Gerônimo: cacique da Terra indígena Inhacorá (1997-2001), foi três vezes eleito vereador do município.

Valmir Cipriano: Também foi cacique (2005-2010), professor na comunidade e vereador no município de São Valério do Sul-RS.

Adilson Policena: Ocupou o cargo de cacique no ano de 2011, até os dias de hoje, também foi vereador do município no ano de 2004-2008.

Figura 16 - Homenagem para as antigas lideranças Inhacorá



Fonte: Acervo da Escola Marechal Cândido Rondon

4.5.4 Atualmente – Equipe, Ações e Conquistas para TI

Para administrar e acompanhar o trabalho de toda esta conjuntura na comunidade temos a liderança indígena, formado pelo cacique, o líder maior que representa toda a comunidade em qualquer circunstância, seja interna ou externa, e que busca melhorias para sua comunidade, junto aos órgãos públicos municipal, estadual e federal; depois o vice cacique que representa o cacique em suas ausências, tem o coronel, que é o líder que trabalha direto com a liderança maior na construção e elaboração de ideias ou planejamento para a comunidade, isso em relação a saúde, agricultura, educação, habitação e várias outras situações que acontecem dentro da comunidade; tem o delegado, que junto com esta pessoa trabalham o capitão, o cabo, sargento, major e as policias que zelam pela ordem da comunidade, além disso tem ainda o conselho da comunidade formado por três pessoas com mais idades, liderada pelo presidente do conselho, sua finalidade é representar a comunidade junto a liderança e aconselhamento quando há algum problemas ou eventos na comunidade, por exemplo; desentendimento entre os membros da comunidade, festas e casamento do povo de indígena de Inhacorá.

Atualmente a liderança indígena de Inhacorá está formada desta forma:

CARGO	RESPONSÁVEL
<i>CACIQUE</i>	<i>Adilson Policena</i>
<i>VICE CACIQUE</i>	<i>Carlos Camargo</i>
<i>CORONEL</i>	<i>Danilo Charque</i>
<i>PRESIDENTE DO CONSELHO</i>	<i>Irani Miguel</i>
<i>COMISSÃO DO CONSELHO</i>	<i>Arlindo Fongue e Danilo Gerônimo</i>
<i>DELEGADO</i>	<i>Vanderlei da Silva</i>
<i>CAPITÃO</i>	<i>Cezar Fongue</i>
<i>TENENTE</i>	<i>Casimiro Miguel</i>
<i>CABO</i>	<i>Lourenço Salles</i>
<i>POLICIAIS</i>	<i>15 pessoas</i>

As ações e conquistas para TI foram diversas, inclusive derrotas, durante o meu cacicado, mudei muito para melhor a minha comunidade, sendo que a comunidade indígena de Inhacorá foi reconhecida como uma das áreas indígenas mais organizadas e estruturadas no Rio Grande do Sul, e, juntamente com o governo estadual, conseguimos a primeira escola de formação de professores bilingues kaingang no sul do Brasil. Conseguimos no Ministério da Saúde, juntamente com a prefeitura municipal de São Valério do Sul, um recurso para construção de posto de saúde completo, dentro da comunidade indígena Inhacorá. Em parceria com uma ONG, construímos 98 casas de alvenaria para as famílias que necessitavam de moradias, que antes eram casas de madeiras, ou várias famílias dentro de uma mesma casa. Hoje, 95% da população tem suas casas próprias, todas de alvenaria, com água encanada para 98% da população de Inhacorá. A rua da avenida foi toda iluminada, e o caminhão de lixo da prefeitura passa duas vezes por semana para recolhimento de lixos na comunidade indígena Inhacorá. Como mencionado, conseguimos, também, a patrulha agrícola com maquinários para o uso da comunidade.

Hoje sou acadêmico da UFSC, sou membro do núcleo de educação de indígena do Rio Grande do Sul (NEI), faço parte da comissão que elaborou o projeto da licenciatura indígena kaingang da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM e coordenador indígena Comissão Indígena de Apoio de Permanência do Aluno Indígena - CIAPAI da UFSM.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a apresentação do texto verificamos que a Terra Indígena Inhacorá, sofreu várias modificações no seu território pela interferência dos colonizadores, como a redução do seu espaço, delimitações, o ambiente e a própria organização social e cultural do povo de Inhacorá. Apesar disso, o povo kaingang continuou mantendo e praticando os conhecimentos, mesmo de maneira modificada, dos seus antepassados. A história e a identidade do povo de Inhacorá continuaram viva através do Kujá, dos anciões e dos sábios desta comunidade, riquezas que mantiveram até os dias de hoje, pós-contato, e que serviram para garantir o futuro da próxima geração. É uma comunidade indígena que mantém a sua memória, isto é, o seu trabalho coletivo que é uma característica marcante do povo kaingang.

A Terra indígena Inhacorá é uma comunidade bem organizada socialmente e economicamente pela sua própria liderança, que mantém a ordem dentro da sua comunidade, pois, tem essa responsabilidade e compromisso do qual foi incumbido, assim executa conforme a determinação das regras definidas e construídas pelo seu povo.

Na questão econômica da comunidade indígena Inhacorá, a liderança tem firmado com a prefeitura uma parceria muito forte através da secretaria municipal do Índio, pois é via esta secretaria que o governo municipal vem auxiliando a população da comunidade. A secretaria, juntamente com a liderança, tem elaborado projetos para buscar recursos públicos do município, do estado e do governo federal, além de algumas parcerias com ONGs e Universidades e apoiadores políticos que trabalham com a causa indígena. Essas parcerias beneficiam e incentivam toda a comunidade para o melhoramento das condições de vida das famílias em todos os setores.

Na educação que incentivamos, buscamos preservar o conhecimento dos nossos antepassados, fortalecendo e mantendo a história do povo, registrando e arquivando como subsídio histórico para as próximas gerações. Por isso que as escolas tem discutido as suas propostas pedagógicas, os seus regimentos internos e os calendários da Secretaria Estadual da Educação - SEDUC-RS, pois são propostas em construção que ainda não contemplam as diversidades do seu povo, prejudicando a formação e o aprendizado do cidadão indígena.

É preciso uma saúde integrada com a educação e a secretaria do índio, desenvolvendo projetos que possam melhorar a saúde de seus habitantes, trabalhando propostas, por exemplo, de prevenção de doenças, incentivos e apoio para produção de alimentos orgânicos e alimentação saudável, além do incentivo à parcerias com o Kujá da comunidade, incentivando e conscientizando as pessoas a também usarem as ervas medicinais do Kujá e ainda

disponibilizando transporte para o deslocamento do mesmo para os hospitais onde tem indígenas internados.

É de grande importância desenvolver a agricultura, juntamente com as lideranças e a secretaria do índio, buscando recursos para incentivo e suporte para ações práticas, complementando o orçamento da associação comunitária. Propostas como a, ainda na fase de formação, a cooperativa da comunidade indígena Inhacorá, com o objetivo de incentivar e apoiar famílias da comunidade indígena na produção de produtos que possam estar contribuindo com a sua renda familiar devem ser incentivadas.

Com o presente trabalho, a ideia da liderança é preservar e manter a coletividade, o respeito entre o kakrê e jamré, (kamé e kairukrê [os dois clãs que compõem a etnia kaigang]), pois esta prática cultural dos nossos antepassados teve interferência muito grande do sistema não indígena para dentro das comunidades.

Analisando todo o sistema no interior da comunidade, nota-se que as mudanças foram consideráveis, a cultura do povo indígena Inhacorá foi transformada. Algumas destas transformações foram para melhorar alguns aspectos familiar e pessoal, mas também teve as suas consequências negativas.

Compreendo e entendo que todas estas mudanças, problemas e dificuldades que existem na comunidade estão relacionadas com as interferências externas à Terra Indígena, provenientes do modo de produção capitalista, que leva a um prejudicial individualismo. Este fato, me leva a alguns questionamentos:

A cultura não-indígena está sobrepondo cultura indígena? O kamé e Kanhrukrê se tornaram inimigos ou é a política interna das lideranças que causam esses problemas? Ou, ainda, seria o sistema capitalista que é muito forte e destrói a coletividade? Como diz o ditado: Um por um e Deus por todos. Questões que, por enquanto, ficam sem respostas, mas as respostas teremos quando nós indígenas, tivermos uma escolha sobre o nosso futuro, para manter estas diferenças e as especificidades dos nossos antepassados, que estão asseguradas na constituição de 88.

6. REFERÊNCIAS

ANKLAM, Aline; MALHEIROS, Michel Barboza; FLORES, Antonio Joreci; JAHN, Alice do Carmo e POHIA, Gabriela Manfio. Práticas sustentáveis em território indígena: perspectiva de uma liderança Kaingang. *Braz. J. of Develop.*, Curitiba, v. 5, n. 6, p. 7506-7522, jun. 2019.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. 2010. Censo demográfico. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sobre-censo.html>. Acesso em 16 de já. De 2020.

NIMUENDAJÚ, Curt. 104 mitos indígenas nunca publicados. In: CATRO, Eduardo Batalha Viveiros. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, n. 21, p.64-110, 1986.

Portal Kaingang. (2017). Demarcação de terras indígenas Kaingang. Disponível em: http://www.portalkaingang.org/index_historia_4.htm. Acesso em 16 de já. De 2020.

Tanabi Sufiatti¹ Luci dos Santos Bernardi² Cláudia Glavam Duarte
 SUFIATTI, Tanabi, BERNARD, Luci dos Santos e DUARTE, Bernard. Cestaria e a história de vida dos artesãos indígenas da Terra Indígena Xaçecó. *Revista Latinoamericana de Etnomatemática*, 6(1), 67-98, 2013.

https://www.researchgate.net/publication/303118129_Cestaria_e_a_historia_de_vida_dos_artesaos_indigenas_da_Terra_Indigena_Xaçeco_Basketry_and_life_history_of_indigenous_artisans_of_Indigenous_Xaçeco [accessed Jan 20 2020].